

Revisitando o Método de René Descartes
pelo Método Simbólico de Carlos Byington,
para o estudo do Self Familiar e do feminino

Palestra – Simpósio Núcleo de Estudos Junguianos, PUC-SP, 2015.

Carlos Byington

Nicolau Copérnico (1473-1543), no seu leito de morte, entregou para publicação uma obra intitulada ***Seis livros sobre as Revoluções das Órbitas Celestes***. Era a teoria do heliocentrismo. Essa obra decretou a vitória das ciências modernas sobre a visão mágico-mítica na concepção do estudo do conhecimento. Essa metanoia da epistemologia inaugurou uma nova maneira do Ego lidar com o Outro na Consciência, e a nova maneira se mostrou infinitamente mais produtiva do que aquela dos duzentos mil anos anteriores. Foi ela que, em menos de quinhentos anos, fundou as ciências modernas, a revolução industrial e deu à nossa espécie o poder sobre as forças naturais. Até hoje, no entanto, apesar dos estudos da história que nos permitiram a compreensão do método científico, nunca havíamos compreendido essa importantíssima transformação do ser humano, sob o ponto de vista psicológico simbólico e arquetípico. Temos reduzido a compreensão das descobertas das ciências modernas a uma atitude extrovertida experimental demonstrativa diante da natureza, e não a uma modificação do funcionamento arquetípico do Ser, do relacionamento do Ego e do Outro, nos padrões arquetípicos da Consciência, do sujeito e do objeto, envolvendo sempre o consciente e o inconsciente. Esse redutivismo impediu que o método científico incluísse também a função da ética do Ser e a relação dialética das funções estruturantes do pensamento com o sentimento, do subjetivo com o objetivo e do consciente com o inconsciente.

A compreensão do método científico, a partir das posições arquetípicas da polaridade Ego-Outro, concebidas pela Psicologia Simbólica Junguiana, tornou-nos capazes de compreender a visão científica do mundo, incluindo também a subjetividade junto com a objetividade dentro do Método Simbólico. Se Descartes, no *Discurso sobre o Método*, separou a polaridade razão-emoção para bem pensar a realidade e a verdade, o método simbólico reuniu outra vez essas polaridades para bem elaborar e conhecer a realidade e a verdade.

Este salto epistemológico é da maior importância para evitar que a imensa riqueza da criatividade científica fique reduzida à objetividade e à sua Sombra e exclua a subjetividade, como vemos ainda hoje na danificação global da natureza e na abissal

diferença econômica entre as classes sociais e entre as nações.

O sistema heliocêntrico, desenvolvido por Copérnico, invalidou o sistema ptolomaico, no qual se baseava a Igreja, dominada pela Inquisição para interpretar o movimento dos astros em consonância com as Escrituras, e não com a realidade.

Esta vitória não foi comemorada por Copérnico, pois ele sabia que ela lhe custaria a vida. Sua genialidade, porém, dela não se absteve e, por isso, ele a entregou ao mundo e a Deus, no seu leito de morte. Foi como se dissesse: “_Srs. Inquisidores, nesta publicação do sistema heliocêntrico, consagro a maior das heresias, que é o método científico. Com esta obra, encerro a hegemonia da perspectiva mágico-mítica, na qual se baseia a patriarcalização do Cristianismo que fundamenta a Inquisição. Inauguro a era científica e admito sua acusação de heresia. **Concordo plenamente que a ciência é a maior de todas as heresias**, porque ela contraria a visão de mundo dos que comandam atualmente o Santo Ofício e expressa uma interpretação do Cristo e da Santíssima Trindade diferente daquela adotada durante sua institucionalização. Sei que vocês me matariam por essa audácia. Por isso, entrego ao mundo esta obra somente no meu leito de morte. Adeus!”

No século seguinte, coube a Galileu Galilei (1564-1642) se tornar o príncipe das ciências na defesa do heliocentrismo e sofrer a perseguição da Inquisição, inclusive com a decretação de sua prisão domiciliar. A crueldade demonstrada pela Inquisição ao torturar e queimar Giordano Bruno na Piazza Navona, no centro de Roma, em 1.600, fez com que Galileu se ajoelhasse diante de cinco cardeais e negasse o movimento de translação da Terra em torno do Sol. Isso não evitou, porém, que ele publicasse em 1632, o *Diálogo sobre os Dois Sistemas Cósmicos, Ptolomaico e Copérnico*, expondo claramente as visões opostas.

Apesar da grandiosidade da descoberta proposta, invertendo o movimento aparente da Terra e do Sol acreditado pela humanidade até então, o que Copérnico descobriu e Galileu referendou foi o abandono das afirmações dogmáticas baseadas em premissas esotéricas e a adoção do método da observação dos fenômenos, para modificar o conhecimento humano, sempre que algo novo fosse descoberto. O novo paradigma mostrou sua força de forma exuberante, acintosa e até humilhante porque afirmou que **a essência da ciência**, neste caso e em quantos mais descobertos fossem, **podia ser o oposto da aparência**. Tratava-se, então, de uma descoberta que afrontaria, de forma fragorosa, não só as enciclopédias do Santo Ofício, como a simples observação dos céus feita por todas as espécies da Terra durante quatro bilhões de anos. Doravante, exigia-se a humildade do Homo Sapiens na busca do conhecimento e não havia mais

lugar para a empáfia, a soberba e a ignorância desembaraçada, professadas pela metodologia mágico-mítica.

Durante o século que sucedeu Copérnico e durante a luta heroica empreendida por Galileu para divulgar o sistema heliocêntrico, um terceiro cientista e filósofo dedicou sua criatividade para descrever **um método para a mente operar dentro do paradigma inaugurado por Copérnico**. Em 1637, René Descartes (1595-1650) escreveu o *Discurso sobre o Método para bem empregar a razão*. No *Método*, Descartes ensinou como diferenciar a razão da emoção e da fantasia “para bem pensar”. **Dessa maneira, Descartes ensinou como separar o paradigma mágico-mítico do paradigma científico.**

Ao descrever as cinco posições arquetípicas da Consciência, a Psicologia Simbólica Junguiana nos ensina o método simbólico para compreender a passagem da mentalidade mágico - mítica para a mentalidade científica, dentro do Arquétipo da Alteridade: e vai além, descrevendo a reunião do subjetivo e do objetivo de maneira quaternária, simbólica e dialética.

A primeira posição arquetípica da Consciência é a posição indiferenciada ou urobórica de Neumann (1949). Nela, o Ego e o Outro estão ainda indiferenciados. Neumann chamou-a urobórica, usando a metáfora do dragão que engole a própria cauda no início da obra (opus) alquímica. Ela dá início a toda a elaboração simbólica.

A segunda posição arquetípica da Consciência é a posição insular matriarcal. **O Arquétipo Matriarcal é o arquétipo da coordenação de toda a sensualidade**. Por isso, abrange as funções estruturantes dos sentidos, da alimentação, das emoções como o ciúme, a inveja e a agressividade, da sexualidade e de todas mais. **Esta posição é binária e forma ilhas na consciência porque o Ego e o Outro se relacionam de maneira muito simbiótica (íntima), de tal forma que eles podem até mesmo trocar de posição, como ocorre na magia, quando o objeto expressa o desejo do sujeito**. Uso um amuleto para espantar o mau olhado. Meu desejo é espantar o mau olhado do vizinho. O amuleto é capaz de fazê-lo. Nesse “passe de mágica”, o amuleto que é o objeto, passa a encarnar o meu desejo que é o sujeito. Vemos aí que o sujeito se transformou no objeto e vice-versa.

A posição insular matriarcal é a base da visão de mundo mágico-mítica, exatamente pelo fato de poder aproximar e até mesmo inverter a posição do Ego e do Outro, em função da imaginação e do desejo. Desde sempre, o Sol circulou à volta da Terra, de acordo com a aparência. O sistema astrológico de Ptolomeu referendou essa aparência. A Igreja adotou-a para referendar as Escrituras. Ao fazê-lo, transformou seu

desejo (sujeito) no objeto (translação da Terra em torno do Sol). Daí em diante, transformou a aparência (subjetiva) em realidade dogmática (objetiva). A translação do Sol em torno da Terra (imaginação subjetiva) tornou-se dogma e o sistema heliocêntrico (realidade objetiva) virou heresia.

A terceira posição arquetípica da Consciência é a polarizada patriarcal. O Arquétipo Patriarcal coordena a polaridade Ego-Outro de forma ternária e sistêmica. O Ego se posiciona radicalmente separado do Outro, que pode estar consciente ou inconsciente, certo ou errado, bonito ou feio, homem ou mulher, adulto ou criança, alto ou baixo, etc. A separação do Ego do Outro e do subjetivo do objetivo é radical e permanente, é uma “cláusula pétrea” da Epistemologia na posição polarizada patriarcal.

Esta foi a pedra angular do Método de Descartes para bem pensar. A posição patriarcal polarizada encerrou a hegemonia da posição insular matriarcal com sua visão de mundo mágico-mítica da verdade.

A quarta posição arquetípica da Consciência é a posição dialética. Ela é quaternária e sistêmica e nela o Ego percebe o positivo e o negativo no Outro, ou seja, a luz e a Sombra e permite que o Outro faça o mesmo com ele (Ego). Esta posição é a essência do método científico e da psicoterapia dinâmica (Byington, “O Conceito de Self Terapêutico e o Quatérnio Transferencial” - veja em www.carlosbyington.com.br). Esta posição é a mais inteligente de todas, porque tem capacidade para produzir o potencial máximo do processo de elaboração simbólica.

A quinta e última posição arquetípica da Consciência é a posição contemplativa. Ela é unitária e sistêmica, pois se baseia no desapego e no esvaziamento da Consciência pela meditação, para vivenciar a totalidade do Self (Byington, *Psicologia Simbólica Junguiana*).

O Arquétipo da Sombra e a Teoria Arquetípica da História

Junto com o conhecimento da formação da Consciência, a genialidade de Freud descreveu a formação da patologia por intermédio da fixação da libido e da formação das defesas (repressão) caracterizadas por Jung como a Sombra.

A Psicologia Simbólica Junguiana ampliou o conceito junguiano de Self Individual para o conceito de Self Transindividual. Esta ampliação permitiu a concepção da teoria arquetípica da história, com os mesmos arquétipos do desenvolvimento do Self Individual no Self Cultural.

A Evolução Histórica das Posições Arquetípicas no Self Cultural

Como mencionei acima, a posição insular matriarcal é a base da perspectiva mágico-mítica do animismo e da magia. Ela foi dominante durante os mais de 180 mil anos da pré-história, quando éramos povos nômades caçadores-coletores. Após a revolução agropastoril, há 12 mil anos, graças ao assentamento, ativamos a elaboração simbólica, pela posição polarizada patriarcal. O animismo e a magia cederam lugar à religiosidade profética revelada, sistematizada e institucionalizada.

A dominância patriarcal, com a posição polarizada, continuou baseada no paradigma mágico-mítico em muitas dimensões.

Há 2.500 anos na Índia, e há 2.000 anos no Oriente Médio, o Mito de Krishna, do Buda e o Mito do Cristo expressaram a implantação histórica da posição dialética do Arquétipo da Alteridade.

Do século V ao século XIX, o Mito Cristão foi defensivamente patriarcalizado pela Igreja e pela Inquisição. Há 500 anos a implantação da posição dialética do Arquétipo da Alteridade deu nascimento às ciências modernas, com o Sistema Heliocêntrico de Copérnico. A Inquisição perseguiu a ciência como heresia, aprisionando, torturando e matando muitos cientistas. Duzentos e cinquenta anos depois de Copérnico, a ciência tomou o poder e expulsou a Inquisição da Universidade. **A libertação foi comemorada mas, infelizmente, o subjetivo foi expulso da Universidade junto com a Inquisição. Assim sendo, a partir do século 19, instalou-se a dissociação sujeito-objeto expressa orgulhosa e onipotentemente pela ideologia materialista. A função ética, no Método Científico, ficou restrita à objetividade.**

Durante 500 anos, a aplicação da dialética de alteridade à dimensão objetiva estabeleceu o domínio da nossa espécie sobre as forças naturais. O desenvolvimento tecnológico resultou na era industrial e chegou ao apogeu no controle da energia atômica e no conhecimento do genoma humano.

O mesmo não aconteceu com a dimensão subjetiva relegada a um segundo plano pela ciência dissociada. A partir do início do século dezenove, a dimensão subjetiva menosprezada começou a ser lentamente resgatada, mas seu desenvolvimento continua, até hoje, muito aquém do progresso objetivo.

Foi nesse sentido, que o físico Oppenheimer, considerado o pai da bomba atômica, exclamou, depois de Hiroshima e Nagazaki, que “ninguém conheceu o pecado mais do que os cientistas atômicos”, exatamente aqueles que atingiram o ápice da ciência objetiva e que haviam repudiado a dimensão subjetiva. Sua consciência da Sombra da ciência

tronou inevitável a busca do resgate da função ética, junto com a subjetividade.

O Resgate do Subjetivo

Quando Pinel (1745-1826) libertou os psicóticos dos calabouços e separou a doença mental da criminalidade, teve início o resgate da dimensão subjetiva dissociada, ainda que dentro da patologia.

Durante o século dezenove, o estudo da dimensão subjetiva começou a ser desenvolvido nas artes, mas nas ciências, seu desenvolvimento continuou muito limitado. **A função ética recebeu grande ênfase dialética na separação da verdade e do erro na dimensão objetiva, mas o problema do bem e do mal na dimensão subjetiva ainda permaneceu dentro da dimensão esotérica nas religiões.**

No final do século XIX, baseada nos conceitos de fixação, defesa, compulsão de repetição e resistência patológica, a genialidade de Freud descreveu as neuroses. **Esses conceitos permitiram à Psicologia Simbólica Junguiana formular a relação dialética entre as funções estruturantes normais e defensivas (Sombra) dentro de toda a psicopatologia, pelo método simbólico.**

Apesar de ter havido um grande progresso no resgate cultural da dimensão subjetiva e até mesmo uma reaproximação substancial da psicologia e da neurologia com a nova disciplina da neuropsicologia, ainda sobrevivem muitos bolsões culturais, nos quais o subjetivo e o objetivo continuam operando e sendo estudados separadamente. Isto se dá, sobretudo, com símbolos cuja elaboração é coordenada pelo Arquétipo Patriarcal que, como sabemos, é sistêmico e cujos polos das polaridades são separados. Nesses casos, esses polos podem ser empregados para formar sistemas separados que apresentam totalidade, mas que, na realidade, trazem grande alienação, devido à sua unilateralidade. Isto aconteceu, por exemplo, com a polaridade ciências humanas e ciências exatas na formação universitária.

Um grande exemplo desta alienação por unilateralidade é a sexualidade na psicanálise. Há, porém, muitos outros, presentes nas polaridades adulto - criança, homem - mulher, países ricos - países pobres, psicofarmacologia - psicoterapia, consciente - inconsciente e ciências humanas - ciências exatas.

Dentro do nosso tema de hoje, **concentrarei a elaboração simbólica em torno das polaridades adulto-criança e masculino-feminino**, para exemplificar seu estudo alienado pela unilateralidade, em contraposição à sua elaboração correta e dialética pelo método simbólico.

As polaridades adulto - criança e masculino - feminino foram muito enfatizadas

dentro da coordenação patriarcal dos símbolos dos papéis familiares, devido à importância do sistema da família no Self Cultural de dominância patriarcal. É bom lembrar que essa importância vem do fato de a família ter substituído o grupo e haver se tornado a célula central da cultura, desde que nos tornamos povos assentados há 12 mil anos atrás.

A polaridade adulto - criança adquiriu fundamental importância devido à reunião da geração atual e da futura, devido à demarcação das gerações no tempo, devido à propriedade privada, devido à herança e devido à importância da educação na organização social.

Além de essa polaridade ter sido deformada pela coordenação patriarcal unilateral que supervalorizou o papel do adulto e oprimiu o polo infantil, ela foi também muito deformada na cultura ocidental pela psicanálise, que centralizou a educação e a formação da identidade da criança, no conceito do Complexo de Édipo.

Depois das descobertas geniais de Freud do conceito de Ego, da formação da identidade (Ego) pelas relações primárias, dos conceitos de fixação, defesa, compulsão de repetição e resistência, da sexualidade infantil e a da transferência, adveio a fase defensiva da criatividade de Freud, após a genial e corajosa descoberta do Complexo de Édipo em si mesmo.

Esse marco defensivo dentro da teoria do desenvolvimento psicanalítico veio com a descoberta do Complexo de Édipo na própria personalidade do grande gênio. Não conseguindo elaborar a descoberta da função defensiva parricida e incestuosa em si mesmo, Freud projetou essas funções no desenvolvimento normal da criança, e denominou esse suposto desejo parricida e incestuoso em todas as crianças de perverso-polimorfo. A seguir, projetando sua própria repressão, determinou que o Complexo de Édipo deveria ser reprimido e sublimado para formar o Superego (instância moral), sem o que a criança se tornaria fatalmente um doente mental.

Além de generalizar para todas as crianças o relacionamento patológico da criança com os pais que ocorre em casos graves, Freud transformou a pedagogia patriarcal repressiva da criança, num procedimento obrigatório. É óbvio que isso não só autorizou, como tornou indispensável a continuação dos odiosos métodos pedagógicos repressivos tradicionais da educação.

Além de responsabilizar exclusivamente a criança pelo Complexo de Édipo, Freud foi além, separando Édipo da defesa psicopática parricida de Laios e Jocasta. Na ansiedade culposa e defensiva de projetar em Édipo a desgraça dos Labdácidas, o

grande erudito esqueceu-se até mesmo de enfatizar devidamente o significado do nome Édipo, que é central no drama. Édipo quer dizer “pé inchado”. Por que esse nome? Porque a criança foi carregada pendurada pelos pés, por um servo a mando de seus pais, para ser assassinada e esse traumatismo deixou seus pés inchados para o resto da vida. O significado do nome Édipo denuncia com a própria identidade, o crime de tentativa de filicídio, quando ele ainda era bebê.

A gravíssima consequência da explicação de Freud do Complexo de Édipo, além da autorização e estímulo da educação repressiva, **foi encobrir a patologia do Complexo Parental durante o desenvolvimento da personalidade**, como denunciou o psicanalista Jeffrey Masson em seu livro *Atentado à Verdade* (1984).

Para corrigir esse grande erro de Freud, conceituei o **quatérnio primário** para formar a identidade normal e da Sombra, do nascimento até a puberdade. Ele engloba o **Complexo Materno** formado pela mãe e também pela madrasta, avó, madrinha, irmãs, tias, babás, professoras e demais cuidadoras, o **Complexo Paterno**, formado pelo pai e também pelo padrasto, avô, padrinho, irmãos, tias, professores e demais cuidadores, o **vínculo entre eles e as reações da criança**.

Ao introduzir a função do Complexo Paterno desde o início da vida, o conceito de quatérnio primário vem, também, corrigir a unilateralidade da formação da identidade precoce da criança pela díada criança-mãe ou criança-seio, o que é importantíssimo para a concepção da identidade da criança e, também, da mãe e do pai, da mulher e do homem.

A outra polaridade deformada pela coordenação patriarcal e a unilateralização sistemática dos polos é a polaridade masculino e feminino, da qual o polo feminino é o tema central deste simpósio.

Baseado em tudo o que foi dito acima, quero agora afirmar que estudar o feminino separado do masculino, é uma proposta esotérica e não científica. Como enfatizei, **o método simbólico que exerce a ciência simbólica, exige que qualquer símbolo estudado inclua sempre os seus dois polos e afirme que o estudo sistêmico exclusivo de um polo isolado conduz inevitavelmente à alienação**.

Quando falamos aqui do feminino cientificamente, qual é a natureza do masculino que o acompanha? Trata-se de um masculino afetuoso e terno que se relaciona com o feminino dentro da posição de alteridade? Trata-se do feminino que estava indo para a escola quando o masculino lhe atirou ácido no rosto? Trata-se do feminino que tirou o prêmio Nobel porque recebeu um tiro na cabeça ao defender o direito de todas as meninas estudarem? Trata-se do feminino existente na África entre as 160 milhões de

mulheres cliterotomizadas? Se não situarmos o masculino ao lado do feminino que estudamos, faremos afirmações esotéricas sobre o feminino sem, contudo, preencher o requisito básico do método científico simbólico.

Outro erro epistemológico ainda mais grave que este é a introdução de um polo no outro que se quer estudar. Dizer que o Arquétipo da Anima, que é do homem, é o feminino dentro dele é um erro epistemológico, não só do método científico simbólico, como até mesmo do método Cartesiano.

Quando senti um fortíssimo chamado de minha Anima para ir a Zurique estudar os arquétipos e o processo de individuação, não havia nenhuma imagem feminina em questão. Eu segui minha vocação (vocação quer dizer chamado), para buscar o significado profundo que sempre foi a bússola do meu Ser.

Quando Edwin Powell Hubble (1889-1953) voltou da primeira guerra mundial (1914-1918), ele deixou seu escritório de advocacia, que era de seu pai e enclausurou-se no observatório de Monte Wilson, para estudar os céus e seguir uma intuição profunda do seu Ser. Foi esta intuição que o levou a descobrir uma infinidade de galáxias, além da nossa *Via Láctea*. Obviamente, ele seguiu sua Anima e sua individuação. Não havia uma imagem feminina guiando sua Anima, mas, sim, muitas estrelas brilhando nos céus.

Quando Eugène-Henri-Paul Gauguin deixou sua mulher e seus cinco filhos, junto com o emprego de corretor da Bolsa de Valores de Paris, para buscar a luz da Polinésia francesa, ele também não seguiu nenhuma figura feminina. Havia, sim, aquela clareza e aquela cor da natureza dentro da qual sua Anima iria respirar e pintar sua obra genial.

É verdade que Jung descobriu o Arquétipo da Anima durante sua paixão por Sabina Spielrein e por Toni Wolff, esta última tão bem percebida e estudada por Maria Helena Guerra (2011), na sua interpretação do *Livro Vermelho*.

Isto, porém, não deve reduzir a vivência da Anima de um homem à paixão por uma mulher e, **muito menos autorizar**, que a Anima do homem seja concebida como o feminino dentro dele, da mesma forma que o Animus seja percebido como o masculino na mulher. Isto significa reduzir um polo ao outro para estudá-lo, o que é um erro fundamental da epistemologia científica, dentro do método simbólico.

No que concerne ao estudo científico do feminino junto com o masculino, pelo método simbólico, devemos perguntar-nos, o que significa um homem descrever o complexo de castração, como parte da personalidade da mulher porque ela não tem pênis, ou perguntar também, por que esse mesmo homem definiu a existência de uma fase de latência até a puberdade na personalidade da mulher, depois de descrever seu complexo de castração.

De minha parte, quero afirmar que, durante minha vida, segui fervorosamente minha Anima, como guia do meu processo de individuação. No entanto, tenho total convicção, que muitas vezes a Anima esteve presente na minha relação de amor, mas que, por mais que me examinasse, nunca encontrei uma mulher nem a presença do feminino dentro dela (Anima).

Da mesma forma, sempre busquei conhecer profundamente a mulher nas relações profundas da minha vida. Procurei conhecer muito a mulher e o seu Animus, mas também, nunca encontrei nenhum homem ou masculino dentro deles.

Para terminar, quero acrescentar que o homem e a mulher formam um dos símbolos mais importantes de nossa espécie. **Buscar conhecê-los, guiados ou não pelo amor, é entrar no seu mistério abissal, muitas vezes impenetrável.** Nessa busca do conhecimento necessário para o encontro entre o homem e a mulher, considerar que um existe dentro do outro é uma fantasia, uma quimera, uma ilusão, um erro do método simbólico que dificulta muito a busca da compreensão de um dos maiores segredos da vida.

Finalizando, **quero enfatizar que a separação dos polos das polaridades descrita por Descartes pelo Método para bem pensar, deve ser complementada pelo método simbólico que reúne as polaridades de maneira psicodinâmica quaternária e dialética.**

Obrigado, mais uma vez à Denise Ramos e à Liliana Wahba, pelo convite para apresentar esta palestra no Núcleo de Estudos Junguianos da PUC-SP.

Bom dia a todos!

Referências Bibliográficas

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (1985). O Conceito de Self Terapêutico e a Interação da Transferência Defensiva e da Transferência Criativa no Quatérnio Transferencial. *Junguiana, Revista da Soc. Bras. de Psicologia Analítica*. São Paulo, 1985, Nº 3, pp 5-18.

_____ (2008). *Psicologia Simbólica Junguiana. A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: Ed. Linear B.

_____ (2013). *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito. As Sete Etapas Arquetípicas da Vida pela Psicologia Simbólica Junguiana*. São Paulo: Ed. do Autor, 2013.

COPÉRNICO, Nicolau (1543). *De revolutionibus orbium coelestium* (Da revolução de esferas celestes). Nele está a teoria do modelo heliocêntrico, a maior teoria do autor.

DESCARTES, René (1637). "Discours de La Méthode - Pour Bien Conduire la Raison et Chercher la Verité dans les Sciences" in *Descartes, Oeuvres et Lettres*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1953.

GUERRA, Maria Helena R.M. (2011). *O Livro Vermelho - O Drama de Amor de C. G. Jung*. São Paulo: Ed. Linear B, dezembro de 2011.

MASSON, Jeffrey Moussaief (1984). *Atentado À Verdade*. Rio De Janeiro: Ed. José Olympio, 1984.

NEUMANN, Erich (1949). *História e Origem da Consciência*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.